

# Recuperação dos bandidos: Mais um desafio!

POB JOAO CARIMO

Em tudo o grupo dos ex-bandidos armados, apresentados recentemente à população da cidade de Quelimane, encontra-se só a podridão social, a escória humana. Embora divididos em três categorias, nunca pode haver distinção entre eles, pois foram os mesmos os motivos que levaram ao envolvimento de cada um: — a ambição o amor à ociosidade, a vida fácil, o parasitismo, valores que só podem encontrar suporte, no roubo e no crime.

Para o bandido, não existe nenhuma política, nenhuma doutrina de moral humana e social. Matar, assassinar, intimidar e semear terror para roubar, destruir, é tudo quanto existe nesta terra.

«Não sei quantos assassinei e nem quantas mulheres violei». Respondeu-nos, serenamente e sem remorsos, um dos ex-bandidos apresentados à população do terceiro bairro, na cidade de Quelimane. «Ordenei o assalto a um comboio de passageiros, vários armazéns, lojas, mandei assassinar e matei muitas pessoas». Confessou Abreu Paulo, ex-cabecilha dos bandidos armados, no distrito de Milange, na província da Zambézia e que se entregou voluntariamente às autoridades moçambicanas, no distrito de Alto-Molôcuè.

Matateu Canivete, um comandante das milícias populares que desertou para o banditismo armado e foi responsável pelo ataque à sede do Posto Administrativo de Macuse e que também se entregou em finais de Março último às autoridades militares, em Namacurra, não nos pôde dizer quantas

peças assassinou e nem quantas menores violou.

O ex-régulo Vuruca de Namacurra que também se apresentou em finais de Março, juntamente com o seu curandeiro pessoal e que foi o hospedeiro dos bandidos naquele distrito, apenas soube confessar que mandou esventrar dez crianças de dois anos, cujos corações deu a comer aos bandoleiros, a fim destes, segundo declarou, serem destemidos e implacáveis.

Vinte e dois ex-bandidos que entrevistei, dos 243 que de Janeiro a Março deste ano se entregaram às autoridades, na Zambézia, todos eles, se encontram num estado emotivo patológico e apresentam uma miséria gangrenada em que os próprios rostos, acusam total ausência de qualquer réstia de esperança, como prova a sua incapacidade de sorrir para o sorriso que abertamente lhes oferecemos. Até ficam pasmados quando lhes sorrimos como se o sorriso representasse um monstro, um bicho estranho.

E de facto, não podia ser de outra maneira, pois todo o bandido depois dos crimes por ele cometidos e a derrota que ele próprio reconhece, sofre uma espécie de frustração, um traumatismo psíquico que reduz ainda mais a sua capacidade de discernimento e o pleno uso das suas faculdades mentais.

Importante se torna notar que nenhum bandido se entrega por uma consciência de boa vontade, por um mérito pessoal. Eles fazem-no como consequência da evolução sócio-política dos acontecimentos, no seu próprio seio, no plano da ofensiva militar das Forças Armadas Moçambicanas, na conjectura internacional que lhes é cada vez menos favorável e também, da situação jurídica: — as Leis de Amnistia e Perdão.

Nos últimos tempos a lei no seio dos bandoleiros é cada um roubar para comer e sempre fugir, para escapar à perseguição das Forças Armadas Moçambicanas. Os suicídios sucedem-se com frequência dentro daqueles que duvidosos da clemência que lhes é oferecida pe-

lo Governo moçambicano, não conseguem mais coabitar com o crime. Os enforcamentos, como pena para a mínima tentativa de evasão são outra face do banditismo neste momento. A desconfiança, as desavenças e a vigilância cerrada entre os próprios bandidos, segundo depoimento dos que se entregam, são as leis impostas como regulamento de sobrevivência. Não é de admirar o estado em que se apresentam aqueles que desertam.

Dedicar pois maior atenção e maiores cuidados a este grupo e também maior preocupação em todos os aspectos da sua vida é uma obrigação não só das autoridades mas sobretudo da sociedade que os acolhe.

O cuidado de serem integrados nos centros mais bem organizados, onde não se possam sentir discriminados e nem notar qualquer sintoma de retaliação e onde também, eles próprios possam demonstrar a sua vontade de recuperação sob controlo e atenção das autoridades competentes será com certeza a segurança da sua efectiva recuperação. Porque, agravando-se o seu estado patológico serão indivíduos condenados à marginalidade sem a possibilidade de dar o seu contributo positivo para redimirem os seus crimes e realizarem-se positivamente.

A recuperação dos ex-bandidos apresenta-se assim como mais um desafio, mais uma batalha para os moçambicanos cuja vitória se associará a todas as outras vitórias já conquistadas.

Muito embora com a consciência de que o inimigo que não desarma pode aproveitar-se dos que se entregam, utilizando-os como um seu recuo táctico para nos criar mais confusão, numa guerra mais silenciosa, por isso mais letal, porque menos defensável, com esta mesma consciência de risco, a parte consciente não hesitou em tomar o desafio. Trata-se acima de tudo, de salvar um povo condenado ao genocídio pela simples razão de ter lutado e conquistado o seu lugar, na história e na comunidade internacional. □